

Discurso na Cadeira 22 da Academia de Letras da Bahia

Ilma Sra. Presidente Prof. Dra. Evelina Hoisel,
Ilmo. Sr. Acadêmico Prof. Doutor Edivaldo Boaventura, na sua pessoa saúdo os ilustres
componentes da Mesa e as autoridades presentes.

Meus senhores, minhas senhoras

Agradeço a Deus ter chegado até aqui e à minha esposa Mariza, que durante 48 anos de casados tem sido minha âncora e inspiração de uma união física e espiritual, como ave e céu, flor e ar, peixe e água, raiz e chão.

Agradeço a todos os confrades e congreiras que exerceram seus sufrágios e me elegeram para a cadeira 22, e, em especial, aos acadêmicos Aramis Ribeiro Costa, Gerana Damulakis e Joaci Goes. Regram os estatutos desta Casa que o acadêmico ao tomar posse transmita informações básicas sobre o patrono, o fundador e os demais ocupantes da cadeira 22.

JOSÉ MARIA DA SILVA PARANHOS, VISCONDE DO RIO BRANCO é o patrono. Nascido em Salvador, em 16 de março de 1819, era filho de família rica, que ficou pobre durante a sua infância. Foi monarquista, diplomata e jornalista. Estudou na Academia Real dos Guardas Marinhas e se tornou, em 1841, um aspirante de marinha. No entanto, ao invés de seguir a carreira militar, preferiu ser político, filiando-se ao Partido Liberal. Foi eleito deputado provincial do Rio de Janeiro em 1845. Filiou-se em 1853 ao Partido Conservador do Paraná. Nomeado Presidente do Conselho de Ministros, em 1871, foi o que mais tempo ocupou o cargo, sua gestão ficou marcada pela adoção de várias reformas necessárias, sendo a mais importante de suas iniciativas a Lei do Ventre Livre, que alforriava crianças nascidas de mulheres escravas.

Seu discurso como orador parlamentar do Império tinha uma forma impecável na técnica do debate, era um instrumento vibrante, adequado a demonstrar e a convencer. Faleceu no Rio de Janeiro, em 1 de novembro de 1880

RUI BARBOSA é o fundador da cadeira 22. Nasceu em Salvador, aos 5 de novembro de 1849. Filho de Maria Adélia, moça de temperamento calmo e bem educada, que cedo passou para o filho os ensinamentos cristãos de que a vida era um bem profundamente moral e espiritual. Seu pai, João Barbosa, fora um político atuante, jornalista inflamado, homem preocupado com as reformas humanas no ensino, um médico que abandonara a profissão

Rui foi membro desta Academia e um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, tendo sido presidente quando Machado de Assis faleceu. Era um homem de estatura baixa, franzino, a cabeça grande sustentada por um pescoço fino. Tímido e feio, mas tinha uma voz poderosa quando ocupava a tribuna. Os olhos faiscavam, de cada centelha a oratória incendiava com a argumentação fascinante, baseada na verdade.

Fora incapaz de conceber a vida sem um ideal. Liberal convicto, construtor da República, deu-lhe o arcabouço jurídico inicial. Não aceitava a escravidão, clamava pela adoção das eleições diretas, reforma do ensino com métodos humanos, investia contra o poder papal, como defensor ferrenho da ideia de separação entre o Estado e a Igreja.

A erudição adquirida ao longo do tempo era aplicada com brilho nas relações sociais, no intuito de construir a vida, só querendo fazer o bem. Gostava de repetir o versículo, “todo o bem que fizeres, receberás do Senhor.”

No elogio a José Bonifácio, falecido no fim de 1886, desabafou contra aquele mundo político, em que havia sofrido várias derrotas, o qual considerava semi-louco e míope, espécie de divindade gaga, protetora do daltonismo e da surdez, uma combinação da esterilidade das estepes com a paisagem onde não se canta, supondo que fosse inimiga da harmonia, a contradição do belo, como tem sido neste país. E, numa intencional advertência ao poder monárquico, reafirmou como encarava a questão da escravatura com a célebre frase, primeiro a abolição, nada sem a abolição, tudo pela abolição. Difícil dizer em que atividade foi o maior. Em 1868 iniciou-se no jornalismo, logo depois iria se dedicar à política. Foi eleito Deputado Provincial em 1878 e no período de 1879-1884 exerceu mandato na Câmara dos Deputados do Império. Com o advento da República, nomeado Ministro da Fazenda, a política financeira que adotou caracterizou-se pelo abandono do lastro-ouro e a adoção de grandes emissões garantidas por apólices do Governo, visando fomentar o comércio e ao mesmo tempo a indústria plural bancária.

O conferencista falava mais de três horas, sem que houvesse um murmúrio desaprovador do auditório repleto de pessoas. Quando terminava, no meio das palmas demoradas ouvia-se: “Continue! Continue!” Pessoas riam, choravam, deliravam, indignavam-se, aplaudiam, acompanhavam o orador hipnotizadas pelas emoções que a sua alma a todos transmitia.

Amara de verdade duas profissões: o jornalismo e a advocacia. O jornalismo sempre foi a janela

de sua alma, por onde se acostumou a conversar durante todo o tempo, todas as manhãs, para a rua com os seus compatriotas, como informa Luís Viana, seu melhor e mais completo biógrafo, ilustre acadêmico desta Casa, em *A Vida de Rui Barbosa*.

Advogado do povo, foi o patrono dos professores demitidos de suas funções na Escola Politécnica. Quando o Congresso decretou a anistia, julgando impossíveis de revisão as penas e os processos dos aparentemente beneficiados, ele bate às portas dos tribunais para se opor à situação que feria a lei e maltratava a justiça..

Designado pelo Senado para examinar o projeto do Código Civil, já revisto pelo filólogo baiano Carneiro Ribeiro, essa tarefa sem natureza política revelaria ao Brasil um gramático conhecedor intenso e melhor na colocação dos pronomes. Em pouco tempo, o seu parecer apresentou mais de mil emendas ao texto revisto por Carneiro Ribeiro, o antigo mestre do Ginásio Baiano, sendo corrigido agora pelo ex-aluno nas regras gramaticais.

O palco estava armado na Conferência de Haia para que todos se submetessem às seis poderosas organizações militares ali representadas. O Brasil, fraco e ignorado, um gigante territorial perdido como um ponto no mapa do mundo, não teria condições para se insurgir contra as matérias que seriam decididas. O assunto mais importante da Conferência era a organização do Tribunal Permanente de Arbitragem, com papel de destaque reservado para as potências que governavam o mundo e mandavam nos povos.

A voz impetuosa e indignada de Rui apresenta sua proposta para a Organização do Tribunal, onde todos os países terão assento. Ficam ao alvedrio dos contendores submeterem as suas questões ao plenário do Tribunal. Falou em francês castiço, entre o silêncio geral, perante um auditório que o desconsiderava, mas que ficara espantado. No final fora reconhecido como uma das mais poderosas vozes da assembléia. Aquele homem pequeno, de voz ritmada na verdade e no direito, derrotara os que representavam os direitos e interesses das grandes potências, Alemanha, Estados Unidos, Inglaterra, França, Rússia e Itália. Por desempenho superior foi chamado A Águia de Haia. O discurso de Rui surpreende pela variedade e nas expressões soberbas de suas leituras. Da palavra imantada nas imagens candentes emergem verdades que iluminam a vida, mas sua erudição não é apenas variada, de vocabulário ilimitado, domínio do idioma, citações soberbas, mas também profunda. Pode-se dizer desse paladino da liberdade que fora um erudito abraçado com um sábio.

Rui Barbosa, o que conhecia Vieira, Lia Castilho, recitava Camões aos dez anos, santo Deus, o erudito e o sábio. Deixou este velho mundo em 1 de março de 1923. Fora residir na morada do eterno.

ERNESTO CARNEIRO RIBEIRO FILHO – Filho do célebre filólogo Carneiro Ribeiro e Maria Francisca Ribeiro, o baiano Ernesto Carneiro Ribeiro Filho teve sua vida com algumas coincidências com a do pai. Os dois foram membros titulares desta Academia, ambos eram formados em medicina, sendo que o filho não a exerceu. Viveram preocupados com as questões do vernáculo. E tiveram suas vidas voltadas para o ensino. .

Quem conheceu Ernesto Carneiro Ribeiro Filho, não hesitava em dizer que ele era um homem bom. Esse educador baiano tinha um coração doce e terno. Íntimo de Homero, Virgílio, Demóstenes, Cícero, Goethe, Dante, Camões, Camilo, Vieira e Rui Barbosa. Assim, leitor assíduo, venerava os clássicos, ficando à vontade para transmitir os conhecimentos dessas figuras proeminentes da retórica e da arte literária para avivar o gosto entre os alunos. Como educador conhecia as dificuldades e as sutilezas do ensino. Sempre demonstrava o quanto conhecia dos propósitos do melhor ensino e como era portador de uma didática eficiente.

Ele nasceu em 1878 e faleceu em 1849, em Salvador.

ALOÍSIO HENRIQUE DE BARROS PORTO - Baiano de Vitória da Conquista, terra do músico Elomar, um poeta que pensa a vida pelo som, e do cineasta Glauber Rocha, inteligência privilegiada que inovou a arte do cinema, o magistrado Aloísio Henrique de Barros Porto veio para este mundo em 15 de março de 1885. Homem de cultura jurídica sólida, autor de inúmeros artigos sobre assunto vário publicados na imprensa baiana. Foi Juiz de Direito nas comarcas do interior baiano, de 1914 a 1932, quando então foi nomeado Conselheiro do Tribunal de Contas do Estado da Bahia. Exerceu o cargo cumulativo de Secretário do Interior, Instrução, Justiça, Saúde e Assistência Pública.

Quando foi Secretário do Estado, na época em que se tratava da reforma ortográfica de Brasil e Portugal, encaminhou à Comissão que discutia o projeto a proposta de que fosse mantido o *h* da Bahia, em respeito à terra do poeta maior Castro Alves e do esplêndido orador Rui Barbosa, dois dos melhores valores com os quais o nosso tradicional Estado engrandeceu o Brasil.

- Barros Porto dedicou-se também à poesia. Um de seus poemas mais comentados, "Sombra", lido por ele para os seus pares nesta Academia, termina com esses versos

Vida? – Tédio, amargor, desalento, orfandade,

*Vaso escuro de barro e de lágrimas cheio.
Oh, sombra a que me agarro, inda assim, mais e mais!*

Preso ao interior baiano por laços de sangue ou por uma saudade atávica da cidade natal, onde publicou seus primeiros artigos no jornal local, Aloísio Henrique de Barros Porto faleceu em 29 de setembro de 1979.

CLÓVIS LIMA é o último ocupante da cadeira 22. Nasceu o poeta e cronista também na progressista cidade de Vitória de Conquista, aos 11 de março de 1914. Eram seus pais Auta Alves Lima e Temístocles Álvares Lima, advogado conceituado, que representava na região a firma alemã Westphalen Bach & Krohn. Um de seus professores na terra natal, Euclides Dantas, ficou impressionado com a precocidade do talento poético de Clóvis Lima. O poeta, adolescente de 13 ou 14 anos, leu de sua autoria para o professor e os colegas esses versos:

*Preto é luto, evoca o pranto.
É tristeza, desconsola.
O quadro negro, no entanto,
É a claridade na escola.*

Assim, usando calça curta, a poesia do aluno prenunciava uma carreira vistosa do futuro autor expressivo. Publicou mais tarde poemas e crônicas esparsamente em jornais e revistas. Tímido, sem ambição, sem obedecer a um projeto estético, ficaria mais ignorado, se Antonio Loureiro de Souza, intelectual de prestígio à época, não tivesse divulgado trechos de sua poesia no livro *Poesia de Clóvis Lima* (1975). Para sair do ineditismo, sua poesia recebeu outro reforço com a publicação do pequeno livro *Poesia Avulsa*, edição da Academia de Letras da Bahia, em 1994, com prefácio e seleção do professor Cláudio Veiga, um ilustre membro desta Casa, inesquecível presidente por dois mandatos, de saudosa memória. De uns anos para cá, poemas de Clóvis Lima foram publicados na Revista da Academia de Letras da Bahia, a cujos quadros o poeta pertenceu desde 1979.

Os poemas que Clóvis Lima dá a conhecer em *Poesia Avulsa* mostram que Seu discurso é de um artesão da forma límpida, de fácil apreensão. Harmonioso com versos simples tem o sabor de água fresca, de rio que passa sem pressa, anunciando um conteúdo que não adota como tema a guerra, que esmaga, retalia e anula, nem a maldição da criatura em trânsito existencial agudo, que atrita e desespera. Não carrega nos versos mansos o enigma do mundo com todo o peso terrestre. É uma poesia que nos dá a sensação de que apesar de tudo existem as flores, a pureza da infância, os rumores do tempo flagrados em instantes de ternuras. Sinaliza sentimentos comuns dos seres e das coisas. Inclina-se por um humor leve. Traz a ideia de que a melhor companhia da velhice é a saudade, comunica-se com as pessoas no burburinho da feira, quando *o povo se mistura, mais que formiga sobre rapadura ou saúva cortando macaxeira*.

Dá prazer o encontro com essa poesia cheia de purezas e clarezas. Poetas maiores existem com uma linguagem fácil, sem labirintos e complexidades da esfinge, a revelar na sua gramática lírica como a razão e a emoção possuem várias maneiras de dizer o mundo. Cito, entre tantos, Manuel Bandeira, Manoel de Barros, Cora Coralina, Mário Quintana, José Chagas, Patativa do Assaré e o baiano Afonso Manta. Mas um poeta avulso como o conquistense Clóvis Lima não pode deixar de ser considerado entre os que fazem da poesia momentos de delicadeza.

Dá prazer, e também saber, o diálogo formado entre leitor e uma poesia que oferta com leveza as inocências e ternuras extraídas da vida diária. Ele cultivou as tradicionais expressões do soneto, o vilancete, o verso livre da poesia moderna, o popular, até dedicou um poema à Língua Portuguesa. Faleceu aos 22 de março deste ano, 2016, em Salvador.

Não tive o privilégio de ser seu amigo, nem sequer o conheci, uma pena. Rico tornou-se o acadêmico e escritor Aramis Ribeiro Costa, que privou com ele do entendimento e convívio fraternos. No discurso proferido na Sala de Sessões da Academia de Letras da Bahia, como orador da sessão especial em homenagem póstuma ao acadêmico Clóvis Lima, no dia 30 de junho de 2016, disse Aramis Ribeiro Costa sobre o poeta desprezioso na pele do cronista admirável: "Se alguém, algum dia, percorrendo as páginas antigas desse centenário jornal baiano (A Tarde), como um arqueólogo a escavar preciosidades em sítio riquíssimo, buscasse as muitas crônicas e artigos escritos nessa época por Clóvis Lima, certamente ficaria surpreendido da qualidade deles, vazados todos em linguagem e estilo encantadores, inspirados todos pelo espírito de um poeta, que não o era apenas nos versos, mas no olhar poético e nobremente embelezador que estendia à sua volta."

Mas o que é ser escritor? É profissão? Vocação e talento na atividade dos que exercem a arte literária? Uns mais, outros menos. Thomas Mann afirma que não é profissão alguma, e sim uma maldição. Começa terrivelmente, muito cedo. Daí eu indagar de onde ele vem, para onde vai com

tantos sentimentos e explicações, movendo-se pela força do destino com alma, força e vida?

Gestar um conto ou poema, navegar por mares de solidão solidária, depois de parir com dor e amor o fruto é saber que estou sendo de fato um instante riscado no eterno. É com a alma invisível da poesia ou da prosa de ficção que sou forçado a ver a realidade além da aparência. Não vou resolver com isso os problemas de ordem econômica, social, jurídica ou política. Mas sem essa hora viver é impossível. Não sou um ente que pensa e tem emoção. Sou, como diz Pessoa, cadáver ambulante que procria. Embora saiba que nem tudo é arte literária, só tenho motivações de fazer leituras do mundo com as vestes da vida e da morte que a literatura põe nas palavras. Sem essa magia, alquimia do verbo feita luz, não me torno sequer memória, nada digo da vida. Não vejo os outros no mundo. Não inauguro novos sentidos da vida, pouco valho, pouco resta de mim.

Lembro que houve em mim o leitor antes do escritor. Era na Livraria Civilização, na Rua Chile, que me encontrava com os companheiros de geração, à qual alguns deles pertenciam por afinidades eletivas, enquanto outros em razão da idade. Ildásio Tavares, Alberto Silva, Ricardo Cruz, Marcos Santarrita, Luiz Garboggini Quaglia, Oleone Coelho Fontes, Orlando Sena, Fernando Batinga, Olney São Paulo, João Ubaldo Ribeiro, Adelmo Oliveira, Davi Sales, João de Góes Berbert, Carlos Falk, Maria da Conceição Paranhos e Carlos Nelson Coutinho. Conversava com Calasans Neto, Jurema Pena e Florisvaldo Mattos. Via o professor Machado Neto com os olhos atentos por trás dos óculos de lentes fortes perscrutando algum exemplar, provavelmente de sociologia ou filosofia. Cruzava com Hélio Rocha, Nelson de Araújo, Vivaldo Costa Lima, João Carlos Teixeira Gomes, Ariovaldo Matos e Ângelo Roberto. Era comum naquele tempo Glauber Rocha ali aparecer com Paulo Gil Soares ou Fernando da Rocha Peres, ou ainda com Carlos Anísio Melhor e Oto Bastos. Inteligência incomum, Glauber Rocha formava com os seus companheiros de geração um grupo de intelectuais irrequietos, que na época agitavam os meios culturais de Salvador. Já vão longe aqueles tempos, no fumo dos dias olho para trás e só consigo ver sombras de uma paisagem fugitiva.

Nasci em Itabuna, cidade do romancista Jorge Amado, contistas Hélio Pólvora e Sonia Coutinho, poetas Telmo Padilha, Valdelice Soares Pinheiro e Firmino Rocha, dos artistas Richard Wagner, Renart, Alceu Pólvora, dos atores Jackson Costa e Carlos Betão, do escultor Osmundinho. Cidade de uma região pródiga de escritores e poetas, artistas e atores. O menino nascido no município onde outrora havia ricas plantações de cacau teve lá a primeira namorada, aprendeu a nadar nas águas limpas do velho Cachoeira, para ele o melhor rio do mundo, jogou futebol nos campinhos improvisados dos terrenos baldios, roubou frutas maduras nos quintais espalhados pela cidade como se fossem chácaras, de tão grandes. Viveu a aventura mais empolgante da vida quando assistia os filmes de bague-bague no Cine Itabuna.

Já o moço do interior viu com euforia a seleção amadora de futebol de sua terra bater a seleção de Ilhéus, a maior rival, em batalhas memoráveis, no velho Campo da Desportiva. Achava que vários daqueles jogadores que vestiram o manto sagrado da seleção de Itabuna eram melhores do que aqueles outros tidos como craques nos times de Salvador, Rio e São Paulo, e que por lá de vez em quando se exibiam naquele estádio acanhado, com a arquibancada coberta de folha de zinco, piso esburacado e grama maltratada.

Os dois agora, o menino como rei infante de terras longes, o moço com os guizos festivos do peito, aqui chegam de mãos dadas com o homem idoso, acumulado de alegrias e pesares, para se juntarem os três, como uma espécie de ente que pensa e sente a vida, a todos esses que ocuparam a cadeira de número vinte e dois desta valorosa Academia. Uma cadeira que tem o estofado de um estadista respeitável e orador vigoroso no Império; o relevo da liberdade com a magnitude da palavra de um baiano idealista, jurista verdadeiro; possui o recorte da bondade do educador que soube cumprir seu dever no ensino; o verniz lustrado com a toga da justiça e com a prestação pública do administrador como atitudes positivas, e a alma cândida do poeta despretenso como expressão da generosidade.

O moço e o menino no idoso aqui chegam nessa estrada de prosa e verso, a essa altura comprida. Aqui estão uníssonos, no enlevo de um lugar e sua circunstância, formada em tempo de reconhecimento e festejo. O homem que assim chega com sua face debruçada sobre os livros deseja desfrutar de uma convivência saudável com os seus pares, sem que isso indique futilidade ou obsessão, mas o momento em que se faça o diálogo necessário para interagir com a comunidade na promoção e defesa da liberdade de expressão.

Vale lembrar que esse homem, na Faculdade de Direito da UFBA, de 1958 a 1962, soube de seus mestres, aqueles professores de vasto saber jurídico, como veio em caminhada difícil na travessia do tempo milenar, juntando, todos os dias, essas regras que se fixam em artigos, parágrafos, incisos e alíneas na tentativa de alcançar ele mesmo com os outros no que lhe pertence: o equilíbrio que deve ser prestado quando bate às portas da Justiça.

E, durante sessenta anos, esse homem ficou sabendo que a literatura é uma forma de conhecer a vida, fundamental como o amanhecer. É esta sua crença. Se tudo é ilusão, sonhar é saber revelar a parte dramática e lírica do que somos. Nessa casa de palavras, que só tem a porta de entrada, e que um dia entrou, sabe que deve continuar caminhando, por entre salas e corredores enormes,

pois dela o que mais sabe é que só consegue sobreviver, equilibrar-se entre vazios e perplexidades, se escrever, escrever, escrever.

Por isso vem dizer esse homem agora, comovido, este poema que escreveu para esse instante de alegria e com o qual encerra sua fala:

Academia de Letras da Bahia

Esta casa é meu tempo
Onde fica a memória.
Esta casa é meu tempo
Que não vai embora.

Esta casa é o que sou
Onde estou na história
Onde durmo acordado
Com minha alma encantada.

Esta casa se confunde
Com o velho sol lá longe,
Perto de puxar a aurora
Para iluminar nossa hora.

É chuva a irrigar a fala,
É lua a fecundar a palavra,
De razão e emoção veste-se
Com a sua capa grossa.

Deixa que nela aconteçam
Saberes que no mundo passam,
Os que dão sentidos aos seres,
Revelam a essência das coisas.

Esta casa em minhas asas
Fundamenta-se nessas vozes,
Abraço de estações frutíferas
Eis o vento às esperanças.

Esta casa é a minha casa,
De todos que têm essa rosa,
Que não some, mal surge.
Uma rosa com o seu perfume

Decerto em convívio e saudade,
Mas que nunca cansa de ser rosa
Por onde uma pétala trescala.
Esta casa é a da alma, na alma flora.